

# POLIFONIA E RELAÇÕES DE PODER EM O TERRORISTA DE BERKELEY

*Ana Fátima Gonçalves Marinho*

*Orientadora: Renata Flavia da Silva*

*Mestranda*

RESUMO: Através da análise crítica da novela: O terrorista de Berkeley, Califórnia, de Artur Carlos Pestana dos Santos, Publicado em 2007, percebe-se como as formas de representação de poder movimentam o texto em seus aspectos ideológicos e políticos. Articular o tema do poder é algo recorrente na escritura de Pepetela. Diariamente assistimos nas redes sociais a uma série de acontecimentos violentos e que chocam as pessoas que procuram conviver harmoniosamente. A leitura dessa romance causa perplexidade em vista da violência e da arbitrariedade cometida por Steve Watson –personagem principal – chefe do grupo especial de combate ao terrorismo para a Região de San Francisco – assassina Larry – personagem principal, estudante de Mestrado da Universidade de Berkeley – sem investigar criteriosamente a responsabilidade desse possível terrorista. Não há a preocupação em saber qual a identidade desse outro e se a intenção é de destruir a Golden Gate e outros ícones norte-americanos Assim, é o pensamento do “novo colonizador”– Os Estados Unidos da América. Para analisarmos a crítica acontece, teremos como norteadores os Estudos de Tzvetan Todorov, Bakhtin, Edward Said etc.

PALAVRAS-CHAVE: hegemonia, subalternidade, polifonia.

*“Terroristas somos todos, depende de que ângulo que nos observem”  
(Pepetela)*

O escopo da pesquisa é discutir as relações de poder no romance. A narrativa enfoca os Estados Unidos cujo espaço representa tanto na literatura quanto na vida real para o mundo a grande potência para o atual mundo globalizado. O país representa o sistema econômico capitalista, que, para os leitores das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, é considerado, em sua essência, inatingível, inabalável.

Esse país apresenta-se, na narrativa, um espaço hegemônico cuja história se passa na Califórnia. Podemos dizer – grosso modo – que as personagens da novela se dividem em dois blocos: os que trabalham para o serviço de Inteligência norte-americano, liderado por Steve Watson – personagem principal, chefe do grupo especial de combate ao terrorismo para a região de San Francisco e os que integram o corpo docente e discente da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Paralelamente ao ambiente universitário, existe uma personagem que se destaca na narrativa por sua genialidade – Larry – estudante de Mestrado que integra em sua pesquisa conhecimentos tanto de Matemática quanto de Informática. Esta personagem é perseguida pelo serviço de inteligência por apresentar, em seus e-mails, informações cujo teor se aproxima de ideias terroristas. Incluímos um terceiro bloco a análise do narrador do texto. A história é contada em terceira pessoa, mas a voz do narrador se integra muitas vezes as vozes das personagens, recuperando fatos sociais e políticos que vão desvelando as mazelas cometidas pela maior potência bélica e econômica da atualidade.

A narrativa inicia com a sala do chefe da CIA sendo invadida por diversas culturas e nacionalidades que compõem o grupo de combate ao terrorismo. Juan Martinez é um mexicano e trabalha para o serviço de inteligência porque conseguiu a cidadania norte-americana ao denunciar uma rede de traficantes de pessoas. Mao é de ascendência chinesa. Por sua vez, Soraya é de ascendência iraniana. Kate de ascendência somali e havaiana. A equipe analisa as mensagens de e-mails cujo teor linguístico se aproxima da linguagem de muçumanos com tendências terroristas. E termina com a morte do americano Larry.

Colonizado pela Inglaterra, os Estados Unidos, ao longo de sua história, superou sua posição de colonizado e, aos poucos, passou à posição de colonizador. Muitas de suas conquistas estão centradas em seu poder bélico, utilizado para exterminar as populações indígenas, conquistar metade do México, intervir com violência nas regiões vizinhas, conquistar o Havaí e as Filipinas (matando centenas de milhares de filipinos) e, nos últimos cinquenta anos, particularmente, valer-se da força a fim de impor-se à boa parte do mundo. Esse comportamento conquistador pode justificar a ação de muitos países que, de alguma forma, foram afetados por essa grande potência. As atrocidades cometidas pelos Estados Unidos da América são resposta à manutenção da hegemonia norte-americana que se relaciona à política de globalização da economia. Podemos dizer que sua posição privilegiada na política internacional se deu ao desenvolverem a bomba atômica e ao explodirem duas

delas sobre Japão e, sobremaneira, ao saírem vitoriosos da Segunda Guerra Mundial. E a partir dessas conquistas empreenderem programa de reconstrução de vários países após a guerra com sua moeda forte – o dólar. A partir dessa autoridade bélica e econômica, o país deu início à sua política de novo “imperador”, desfrutando da nova forma de pensar as relações internacionais – hoje chamada de globalização.

Sabemos que, a partir da década de 1970, os ianques começaram a explorar o petróleo dos países árabes e de outros países – como, por exemplo, Angola.

Quando Angola lutava pela sua libertação – o Movimento de Libertação de Angola fora chamado de terrorista pelos norte-americanos. Esse foi aliado da União Nacional para a Independência Total de Angola e da África do Sul. Traremos um exemplo do romance *Jaime Bunda e a morte do Americano* cuja revelação do Ministro angolano ao Embaixador americano nos impactou com a sua crítica, pois mostra como a superpotência sempre buscou uma justificativa para muitas das atrocidades cometidas contra alguns países, em particular Angola.

O ministro era conhecido por ser calmo e cordato, ossos do ofício. Mas fechou rapidamente a cara.

– Quando lutávamos pela independência, os colonialistas chamava-nos terroristas. E nós ríamos. Quando o *apartheid* da África do Sul nos atacava, e os senhores fingiam que não reparavam, era porque nós abrigávamos aqui os terroristas que lutavam contra a discriminação racial na África do Sul e pela independência da Namíbia. Achávamos graça que nos chamasse terroristas. Mas agora é diferente. Os senhores chamam de terrorista a alguém ou a algum país e logo enviam uma bomba atômica (...) (PEPETELA, 2014, p.19)

A narrativa de *O terrorista de Berkeley, Califórnia* se concentra na morte de um engenheiro americano em Benguela. Há a pressão do diplomata norte americano manipulando pelo esclarecimento rápidodas autoridades angolanas acerca da morte, dizendo ser possível um atentado a um cidadão americano. Percebemos a ironia como se dá no jogo Terrorista/Pacificador, pois lutar pela independência de Angola em seu próprio território é ser terrorista? Ajudar na independência da Namíbia é ser terrorista? E um americano morrer em Angola é um atentado terrorista? Essas revelações são lançadas na narrativa para fazer com que, nós leitores, observemos o discurso do outro – do angolano – cuja história foi massacrada pelo discurso do colonizador – e agora do novo imperialista – Os Estados Unidos.

No texto *A Assombração da história: história, literatura e pensamento pós-colonial*, Dércio Braúna considera o fazer literário como fantasma que não permite o adormecer pacífico da história; isso constitui instauradores de “espaço catacrésico” (BRAÚNA, 2015, p. 16). Observamos que o autor desenterra o passado, pois a literatura não deixa que a história morra. E era justamente isto o que uma literatura colonial fazia: contar a história do outro, pois é um exercício de poder. E o que vimos falar é justamente da história do outro. A Literatura Africana faz contar como se deu a história de Angola e como ela foi distorcida pelo olhar dos países dominadores e mais recentemente estão os Estados Unidos tentando açambarcar a cultura, a riqueza, a alteridade do africano.

O teórico palestino Edward W. Said, em sua obra *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente* (2007), propõe que orientalismo é um termo criado por intelectuais ocidentais para representar um outro mundo desconhecido que estabelece distinções e estereótipos para as sociedades orientais. Estas são fontes da civilização e das línguas ocidentais, onde se encontram as colônias europeias mais antigas e mais ricas. O ocidente dominou o oriente impondo sua cultura, degradando as terras, extraindo as riquezas minerais, as matérias primas e transformando em riquezas “pessoais”, que servem para lucro próprio em prol da pobreza de nações consideradas periféricas. O mundo passou a ser separado entre eu: o ocidente e o outro: o oriente. O eu projeta no outro uma visão hegemônica de que esse não possui cultura, nem língua comunicável com o mundo ocidental, os hábitos desses povos são estranhos, não possuem conhecimento intelectualizado, são preguiçosos e suas existências só servem para nutrir – com sua força de trabalho e sua subsistência – o mundo considerado dominante. A força com que a cultura ocidental impôs sobre o oriente é um eu substituto e subterrâneo, uma sombra para a humanidade dita como superior e inteligente.

### **Polifonia como formas de denunciar a mentira**

Muitos dos textos teóricos discutem a ambivalência: verdade/mentira. O olhar subalterno sempre procurou denunciar a mentira e divulgar a verdade para o mundo atual, principalmente para o mundo ocidental – particularmente para as grandes potências mundiais que se utilizam de seu discurso ideológico por meio da mídia. As leituras feitas da teoria de Bakhtin e sobre o filósofo nos revelam que

(...) a verdade não se encontra no interior de uma única pessoa, mas está na interação dialógica entre pessoas que a procuram coletivamente. O mundo em que vivemos fala das diversas maneiras, e essas vozes formam o cenário em que interagem a ambiguidade e a contradição. Bakhtin quer perceber a unidade do mundo em particular, no efêmero, ou seja, a totalidade, o universal está presente nas múltiplas vozes que participam do diálogo da vida. A unidade da experiência e da verdade do homem é polifônica. Somente a tensão entre as múltiplas vozes que participam do diálogo da vida pode dar conta da integridade e da complexidade do real. (BRAIT, 2005, p. 325)

A arte – mais particularmente a literatura – permite-nos pensar as relações entre as sociedades antigas e as atuais. Faz-nos refletir sobre fatos que ocorreram, mas que o olhar dominador, por muitas vezes, desviou. A história contada pelo dominador enterrou a verdadenos calabouços da memória. Identificando e discutindo todos esses fenômenos, a Literatura elege-se como espaço de debate, sem a pretensão de propor soluções, mas no intuito de problematizar as questões.

As múltiplas vozes dialogam com os acontecimentos na medida em que elas participam da procura da verdade por meio do exercício da pesquisa que confronta diversos textos escritos, falados e imagísticos sobre o olhar do submisso e do autoritário.

Para Bakhtin,

O principal objeto do gênero romanesco, aquele que o caracteriza, que cria sua originalidade estilística é o homem que fala e sua palavra. (...) O sujeito que fala no romance é um homem *ser essencialmente social*, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião), e não um “dialeto individual”. (...) Por isso, o discurso de um personagem também pode tornar-se fator de estratificação da linguagem, uma introdução ao plurilinguismo. O sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um *ideólogo* e suas palavras são sempre um *ideograma*. Uma linguagem particular no romance representa sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social. (BAKHTIN, 2010, p.135)

O plurilinguismo acontece no romance por apresentar diferentes vozes sociais que se defrontam, entrechocam-se, manifestando diferentes pontos de vistas sobre um dado objeto. A particularidade do romance reside exatamente no fato de que ele apresenta um espaço discursivo, ou seja, apresenta subconjuntos de formações discursivas pertinentes para os propósitos romanescos dentro de um determinado campo, no nosso caso em particular a novela apresenta e confronta as relações de poder, os estereótipos e como essas relações estão em concorrência, delimitam-se reciprocamente numa região do universo discursivo que é o

espaço do romance. A dialogização interna da palavra perpassa pela palavra do outro. O diálogo nos discursos são as posições que as personagens assumem sobre seus pontos de vista acerca da realidade que as cerca e interessa a elas.

*Em O Terrorista de Berkeley, Califórnia, a história não se passa em Angola, mas apresenta a dicotomia ocidente/ oriente. O pensamento de Larry resgata um fato histórico passado, denunciando o lugar de construção da arma mais potente: (...) Se eu soubesse química, imagine a quantidade de bombas novas que podia inventar, não a atômica para qual Berkeley contribuiu e até hoje tem vergonha de confessar (...) (PEPETELA, 2007, p. 54)*

Nosso objetivo aqui é analisar a polifonia no texto literário, ou seja, como as relações de poder se entrecruzam com essa teoria – e não à memória em particular, mas em alguns momentos nos valeremos dela para dialogar com a polifonia.

A fala de Larry confirma um fato histórico e caminha para uma série de denúncias contra os Estados Unidos. Não só a personagem, mas o narrador também desvela um olhar crítico.

*(...) Larry insistindo com ele na necessidade de darem cabo da Golden Gate ou do túnel por baixo do mar, ou dos dois ao mesmo tempo, mas tinha enfim chegado o momento de fazerem alguma coisa de arromba para desmascararem a paz podre do grande líder do mundo. (PEPETELA, 2007, p. 71)*

A fala de Larry com seus correspondentes fictícios critica os Estados Unidos, seu país de origem, engendrando uma voz que não fala por si mesma. A voz é a do subalterno: mulçumano. Sabemos pouco sobre a realidade desse povo, pois seu espectro desenhado por parte de interesses das superpotências estereotipa o povo mulçumano julgando-o ignorante, sem cultura, violento, sanguinário e vingativo. Para domesticá-lo, é preciso intervir em seus países para instaurar o exemplo de civilização. Assim, agem os Estados Unidos: o grande líder pacificador do mundo global.

*De facto o e-mail de Ahmed teve o efeito de uma bomba devastadora a estoirar no serviço de Steve Watson. Tudo entrou em parafuso. Os piores vaticínios se confirmavam, o inimigo número 1 estava em território americano e amplamente implantado numadas universidades de maior prestígio (...) Os laboratórios com experiências avançadíssimas estavam ao alcance dos terroristas (...) O chefe era um condutor de massas, inspirava confiança mesmo a quem não a tinha em si próprio. (PEPETELA, 2007, p. 88)*

O objetivo da superpotência é denegrir a imagem das comunidades muçumanase aplicar a sua política de preconceito e exploração para o mundo não islâmico.

Outro país que atualmente vive sobre tensão é a França. A entrevista à revista *Época* de novembro de 2015, sobre os atentados, ocorridos nessa época no país, revela que algumas pessoas que se consideravam “tolerantes” mudaram no comportamento. O historiador Hervé Deguine é uma delas “(...) Estou com um sentimento de vingança na garganta e sei que serei muito menos transigente com alguém que não tenha os mesmos valores que eu. É uma pena, diz (*ÉPOCA*, p. 47, 2015). Na mesma entrevista, uma jovem muçumana de 16 anos, chamada Sadia El Hendawi, resume o sentimento de comunidade: “Quando algo do tipo acontece, a culpa é de todos nós. Só que, agora, nós também somos as vítimas, tanto quanto eles, afirma. O uso dos pronomes “nós” e “eles” ilustra a que ponto as tensões raciais e religiosas opõem os cidadãos franceses. Vemos o radicalismo que se desenvolve quando o assunto é atentado terrorista para países como a França que colonizou em torno de vinte países e quase todos são africanos. A nação francesa, de janeiro de 2015 a junho de 2016, sofreu 10 ataques terroristas. Podemos dizer que a França tem uma dívida muito grande para com as nações que colonizou, pois elas, certamente, guardam ressentimentos. Assim como os norte-americanos, eles vivem sobre o espectro do terror.

Voltando à narrativa, Larry faz amizade com o Tom – mendigo da Praça de São Francisco. O estudante se inspira nessa amizade para criar a personagem Tomson e depois muda o nome de seu correspondente para Brad

Tomson(...) Mas alinhava em discussões sobre questões sociais, fugindo para as políticas até, embora nesse caso fosse Larry a não corresponder muito, porque a política era um mundo que lhe escapava completamente, não só ao interesse como ao entendimento. Aliás, tinha dificuldade em compreender qualquer tipo de poder e a atracção que ele exercia sobre as pessoas. Também a religião era completamente ausente de seus pensamentos.(PEPETELA, 2007, p. 49)

Larry parece não ter a intenção de discutir política e religião. Mas, como ele utiliza os computadores da Cal, a partir do momento em que se sente mais à vontade no uso de computadores que não identificarão a pessoa que fala, ele se certifica da segurança da internet que não comprometerá determinados emissores, como os professores da Cal e começa a registrar as suas verdadeiras intenções.

E assim se sentiu à vontade para pela primeira vez manifestar a Brad a sua intenção de cometer um atentado de altas proporções, ainda não sabia bem qual, mas tinha de ser qualquer coisa que chamasse a atenção do mundo para os males que os homens faziam a si próprios em nome de tantos valores, louváveis em abstracto, mas que tornavam ridículos porque nunca na prática cumpridos.(PEPETELA, 2007, p. 52)

E assim, chega à criação de duas personagens bem emblemáticas para a narrativa: Jennifer e Ahmed. Os dois de origem muçulmana.

Larry(...) criou um novo endereço numa caixa de correio diferente das anteriores e mandou a partir daí um e-mail para Brad, assinando por Ahmed, muçulmano de origem Bahrein, como ele se apresentava pronto a lutar pela causa do Islão contra os imperialistas e infiéis norte-americanos e dispostos a ser um suicida aspirante ao Paraíso islâmico. (PEPETELA,2007, p. 87)

(...) Jennifer (...) era iraniana, nascida na cidade de Qom, considerada pelos serviços secretos internacionais como um dos berços do fundamentalismo xiita. (PEPETELA,2007, p. 90)

### **Steve Watson: representação da hegemonia norte-americana**

Aprofundou-se o fosso entre o “nós e eles” e, o mais grave que tudo isso, instalou-se a figura da perpétua desconfiança sobre os cidadãos das regiões dos países orientais. A análise da obra literária de Pepetela traz à tona as discussões sobre identidade, nacionalidade, bem como os preconceitos existentes em relação aos cidadãos orientais, aos cidadãos latino-americanos. Pepetela, numa novela leve, irônica e tomada por metáforas nos encaminha a repensar que as ações desencadeadas para “combater o mal” porque a sociedade ocidental mostra intolerância em relação aos costumes de certos povos orientais. O ocidente olha o oriente a partir do exótico. O objeto – que é a obra literária – não obedece a essa regra porque possui outro olhar.

A partir de sua posição privilegiada na política internacional, Os Estados Unidos começam a desfrutar de sua notabilidade e empreende invasões a países da África e da Ásia para explorar sua fonte de riqueza principal: o petróleo. Nos países de origem islâmica, foi usada a doutrina de que os islâmicos são perigosos e violentos, com tendência terrorista, para assim justificar ao mundo o motivo pelo qual esses países precisam ser domesticados e aprenderem com a democracia norte-americana.



A *Al-Qaeda* elegeu os Estados Unidos como o país responsável pelas atrocidades que os muçulmanos sofreram ao longo da história, principalmente no que diz respeito à questão Palestina devido ao apoio americano a Israel e o elegeu também como o país representante maior do materialismo capitalista que destruiria o islamismo, caso as “devidas providências” não fossem tomadas. (BRANDÃO, p. 21).

Para compreender esse discurso na narrativa, há a personagem Steve tendo por base a doutrina de segurança nacional, cujo objetivo principal é de garantir a segurança dos cidadãos norte-americanos, por intermédio de ações visando combater “o mal” representado por terroristas e fundamentalistas. Vemos na narrativa que Pepetela inverte o papel do detetive, este já não está na condição de investigador, agora ele é o espião e assassino “*Tem de se encontrar prazer no trabalho para ele render o máximo, filosofia de Steve Watson, o espião.*” (PEPETELA, 2007, p. 70) e mentor do assassinato de Larry “– *Vai-se fazer explodir – gritou um policial (...) não haveria um atentado terrorista, descarregaram mais umas rajadas (...) Larry jazia sobre o computador como a tentar protegê-lo, doze balas nas costas* (PEPETELA, 2007, p.114). Esses procedimentos da personagem confundem-se com as ações de muitas entidades governamentais em relação à legitimidade da “guerra ao terror”. Vemos na narrativa que a inversão de procedimentos narrativos desemboca na perseguição empreendida a Larry sua e morte, desse modo, temos nesse microcosmo a realização plena da hegemonia ocidental nos aspectos político, econômico e social.

Além disso, foi introduzida a assim chamada "Lei do inimigo estrangeiro" (AlienEnemy Law), que prevê a detenção por tempo ilimitado – por exemplo, no campo de prisioneiros de Guantánamo – de não americanos suspeitos de terrorismo, se necessário sem verificação judicial ou apresentação de queixa.<http://www.cartacapital.com.br/internacional/doze-anos-depois-11-de-setembro-ainda-dita-politica-de-seguranca-dos-eua-9487.html> último acesso 16 de agosto de 2016 às 19h.

Steve Watson é uma personagem que usa o pretexto de chefia da CIA para tentar excluir tudo aquilo com o qual, pessoalmente, não concorda. A voz de Watson é a voz que representa o poderio dos ianques.

Steve ouvia essa análise meio distraído, preocupado com o fato de deixar de combater americanos, ou aparentemente americanos, para se confrontar com os tipos do Médio Oriente, gente de cabeça completamente perdida e forte de mais para os seus recursos. (PEPETELA, 2007, p.89)

Outro exemplo que denuncia a arbitrariedade dos ianques é o momento em que o chefe Watson revela total impaciência para o esclarecimento das investigações e ordena para sua equipe avançar e conter as ações terroristas detendo o agressor

-Raios me partam, mas parece ser a mesma sensação (...) Não vou perder mais tempo com isso – disse Steve. Análise de conteúdo uma porra! Mandem avançar os homens, Juan. (PEPETELA, 2007, p.113).

## Conclusão

Depois de perceber que a teoria da polifonia engendra vozes que se dividem entre subalternas e hegemônicas, foram eleitos os Estados Unidos como representante da tensa relação entre ocidente/oriente, como “líder pacificador” dos conflitos entre os dois mundos. A tensão se desequilibra com a capacidade bélica e econômica dos ianques. O oriente é representado na obra pelos e-mails fictícios e personagens fictícias criadas por Larry.

Apesar de não usarmos para essa análise a ironia, ela aparece como crítica à hegemonia norte-americana, pois essa nação em 2001 foi alvo de dois atentados terroristas que marcaram a história em dois grandes momentos. Pela primeira vez as armas se voltaram contra eles. É “o feitiço virando contra o feiticeiro”.

Em consequência a esses atentados, o Mal vai tomando, então, formas mais definidas. Reações aos atentados mostram que as tensões se aprofundam. A vulnerabilidade dos antigos colonizadores é notória. Mas os americanos não relaxam no sentido de estarem atentos a qualquer “perigo” que venha do oriente. No entanto, Pepetela caricatura os novos tempos sob a ameaça do terrorismo que fragiliza a todos, fazendo-os sentirem-se incapazes de reagir, pois vivem sob o espectro do medo de inimigos imaginários e imaginados que se encontram em toda parte.

Ao criar o personagem Steve Watson, observamos que a narrativa volta seu foco à nova face do terrorismo e de suas metáforas, deixando nus os serviços de inteligência. Numa clara crítica à CIA e suas neuroses em relação a tudo e a todos.

A polifonia são as múltiplas vozes essenciais e necessárias para a análise e discussão acerca da ambivalência estadunidense. E a presença das personagens Larry, Steve Watson e do narrador notabilizaram a novela.

Assim, o texto de Pepetela revela o novo fantasma colonial e suas novas feições que assombra e assola a sociedade angolana.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética; a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade – São Paulo: Hucitec Editora, 2010.

BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. – 2ª edição revista – Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

BRAÚNA, Dércio. *A assombração da história: história, literatura e pensamento pós-colonial*. – Fortaleza: Deleatur, 2015.

BRANDÃO, Ghandia Vargas. *Romance de terrorismo: a literatura nos primeiros anos após o 11 de setembro de 2001*. Tese de Doutorado em Literatura. Universidade de Brasília, 2013.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

PEPETELA. *O Terrorista de Berkeley, Califórnia*. – Lisboa: Dom Quixote, 2007.

\_\_\_\_\_. *Jaime Bunda e a morte do americano*. 6ª edição – Lisboa: Dom Quixote, 2014.

TURRER, Rodrigo & PEDROSA, Teresa. Mapa do terror. *Revista Época*, São Paulo, Edições 911, p. 36-51, 23 de novembro de 2015.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SECCO, Carmen Lucia Tindó e CAN, Nazir Ahmed. “De Sombras, Afetos e Assombrações: releituras da história pela ficção contemporânea de Angola e Moçambique”, curso ministrado na disciplina Ficção Contemporânea III (códigos: LEV 781 / LEV 881) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras/UFRJ, 1º semestre de 2016.